

# *Um Lugar para Viver*

#### Islândia

Dizem que os trolls são seres horríveis e que não são muito espertos ... Bem, isso é dito de trolls machos, porque parece que trolls fêmeas são muito astutas. Também é dito que trolls, tanto machos quanto fêmeas, são seres malignos por natureza. No entanto, existem aqueles que argumentam que eles têm pequenos corações bondosos e que mostram uma afeição comovente pelos animais. Há até quem diga: ‘Sim, são primitivos’, mas, em última análise, ‘são mal compreendidos’. Na verdade, tudo parece indicar que os trolls fogem da civilização humana e que tudo o que desejam é que os deixem em paz, curtindo a natureza, as árvores, as plantas e os animais.

Segundo a lenda, algo assim deve ter acontecido no início do século 13 desta era, na pequena ilha de Drangey, no norte da Islândia. Aparentemente, uma comunidade de trolls se refugiou lá na tentativa de evitar contato com a nossa civilização.

Entretanto, em poucos meses, um bom número de homens morreu na ilha. Todos foram caçar pássaros marinhos e procurar ovos nas falésias, mas, um por um, caíram para a morte, entre as rochas encharcadas pelas ondas. Misteriosamente, as cordas robustas que usaram para descer pareciam cortadas por uma lâmina afiada.

‘Isto é obra do diabo ... ou trolls’, foi o boato que começou a circular nas aldeias próximas ao fiorde.

Assim, o Bispo de Hólar, Guðmundur Arason, conhecido como Guðmundur Góði –Guðmundur o Bom– decidiu agir para cuidar do seu rebanho.

Guðmundur teria sido declarado santo pela igreja, se não fosse por sua firme defesa dos desfavorecidos, que lhe rendeu o ódio dos senhores da região. Ele também havia perdido alguns de seus colaboradores nos penhascos íngremes de Drangey. A seu pedido eles foram para a pequena ilha em busca de pássaros e ovos, uma vez que a igreja estava ficando sem provisões para alimentar aos pobres e mendigos que acorriam em grande quantidade a Guðmundur, clamando por sua caridade. Apesar de fazer milagres –mais de quarenta milagres foram atribuídos a ele–, ele não conseguiu evitar a morte de seus compassivos colaboradores e a culpa se abateu sobre ele. Então decidiu que, se o diabo morasse na ilha de Drangey, ele próprio iria tirá-lo de lá agarrando-o pela barba.

Assim, Guðmundur navegou para a ilha com alguns padres, um grande grupo de assistentes, várias cordas e um barril de água benta. Assim que chegaram, ele tirou o hissopo e começou a borrifar água benta em todas as direções, como se não houvesse amanhã.

Quando chegou a hora de descer pelos penhascos para abençoar as paredes de rocha, para o caso de o diabo estar escondido nelas, Guðmundur amarrou firmemente uma corda grossa de três camadas em volta da cintura e desceu sobre o precipício, hissopo na mão, pronto para afastar o mal de todos os cantos da ilha. Seus sacerdotes começaram a cantar hinos sagrados para apoiar e dar força aos seus milagres, e Guðmundur abençoou todos os precipícios da ilha, um por um, até que chegaram a um longo penhasco côncavo cujo fundo estava coberto de pedras. Mergulhões, pardelas brancas e atobás, cagarros e pequenos papagaios-do-mar estavam amontoados na falésia, juntamente com centenas de ninhos e ovos, todos protegidos das mãos humanas.

Guðmundur desceu no vazio pela enésima vez e, quando estava a meio caminho entre a beira da falésia e o oceano, algo surpreendente aconteceu. Uma enorme mão peluda emergiu da parede de rocha com uma faca afiada e, sem dizer uma palavra, começou a cortar a corda que segurava Guðmundur na crista do penhasco.

A primeira das três camadas da corda de repente se partiu, enquanto os sacerdotes e assistentes se reuniam na beira do penhasco ofegando de horror. Mas a mão estranha com a faca enorme não parou e continuou a cortar a corda até que a segunda camada também se soltou. A corda agora segurava o peso do santo com apenas uma única de suas camadas.

As pessoas que observavam de cima no penhasco gritavam, enquanto seus olhos pareciam saltar das órbitas. A mão peluda agora dirigia a ponta da lâmina para as reentrâncias da terceira camada de corda. Mas - ah, surpresa! - por mais que a mão tentasse cortá-la, o fio era duro como uma pedra, a ponto de a faca perder o gume e até ficar com sua lâmina marcada.

‘Oh, seus trolls do mal! – As pessoas na borda ouviram o bispo Guðmundur gritar lá de baixo- ‘Você pensou que ia me vencer. Mas, prevendo suas emboscadas e as do diabo, eu trouxe uma corda com uma de suas três camadas embebida em água benta!’

Então, uma voz profunda foi ouvida emergindo da parede do penhasco.

‘Pare de abençoar, Bispo Gvendur!’ –Os trolls o chamavam assim porque não conseguiam pronunciar seu nome corretamente– ‘Porque mesmo os maus precisam de um lugar para morar!’

Guðmundur parou de repente, seu hissopo pingando. O que o troll havia dito fazia sentido. Não apenas isso. Algo dentro dele havia se movido. Foi uma compaixão inexplicável, porque obviamente era estranho sentir pena dos seres que haviam causado a morte de tantos homens.

‘Não fizemos nada além de nos defender’ - continuou o troll - ‘e defender nossos animais das mãos predadoras de seus paroquianos que destroem tudo em seu caminho. Ao matar nossos pássaros e roubar seus ovos, você está destruindo todos os alimentos da ilha para seus filhos e netos.’

Guðmundur de repente percebeu que os trolls não deveriam ser tão tolos quanto afirmava a tradição popular. Ele ficou em silêncio por um momento, refletindo sobre as palavras do troll. Enquanto isso, seus seguidores prendiam a respiração na beira do penhasco, atordoados enquanto ouviam a conversa que acontecia no abismo abaixo.

‘Vamos fazer um acordo!’ –Guðmundur finalmente disse– ‘Você tem que prometer que vai parar de cortar cordas e que não vai causar a morte de mais nenhum dos meus paroquianos. Você vai cumprir esta promessa geração após geração até o fim dos tempos. Quanto a nós, humanos, prometemos deixá-los sozinhos dentro e ao redor deste penhasco. Não tocaremos em você e em seus descendentes ou em seus animais, bem como em seus ninhos e ovos. Manteremos nossa promessa, geração após geração, até o fim dos tempos. Você concorda com este acordo?

Depois de segundos intermináveis, a voz do troll foi ouvida dizendo:

‘Nós concordamos com o acordo, Bispo Gvendur!’

Daquele dia em diante, aquela área não abençoada, recebeu o nome de Heiðnaberg, o Penhasco Heathen. Dizem que é o lugar onde muitas aves marinhas fazem ninhos e onde há mais vida em toda a ilha. Tudo porque ninguém se atreve a roubar ovos ou caçar pássaros ali.

Curiosamente, depois desse episódio, Guðmundur mudou seus hábitos quanto a abençoar lugares onde o mal habitava. Ele sempre deixou "um lugar para os bandidos viverem".

Assim, sua compaixão se tornou lendária em toda a Islândia, embora as poderosas elites da região e a própria igreja, nunca tenham concordado com o desejo do povo de declarar Guðmundur um santo.

Adaptado por Grian A. Cutanda (2020)

Sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA. 

### Comentários

Guðmundur é considerado uma espécie de santo padroeiro nacional na Islândia, embora a Igreja Católica nunca tenha declarado sua santidade. É bem verdade que ele teve muitos conflitos sérios e trágicos com os chefes do norte da Islândia. Aparentemente, isso ocorreu porque estes chefes sentiam-se incomodados com os cuidados que ele dedicava aos habitantes mais desfavorecidos.

Guðmundur era filho natural - fora do casamento - em 1161, e precisou da dispensa papal para ser ordenado sacerdote por ser ilegítimo. Por outro lado, ele nunca se esforçou muito para fortalecer a instituição da Igreja e, ao contrário de outros bispos de seu tempo, ele nunca buscou riqueza ou uma vida confortável, inclusive denunciando tais práticas entre as hierarquias eclesiásticas. É possível que tudo isso se juntou para que ele não fosse declarado santo após sua morte, em 1237.

Quanto à Ilha Drangey, esta lenda é contada muitas vezes para explicar a história de Heiðnaberg, o Penhasco Heathen, onde existe uma grande concentração de aves marinhas e ninhos de reprodução. Por outro lado, esta ilha também é conhecida por ser o local onde o protagonista da Saga Grettir, o famoso fora da lei Viking Grettir Ásmundarson, o Forte (997-1031 dC), esteve escondido durante três anos, após ter sido condenado a vinte anos de banimento como punição por seus assassinatos.

A adaptação atual desta lenda abre uma porta para a interpretação do conflito entre trolls e humanos como uma metáfora para a rejeição, pelas doutrinas cristãs, de tudo que é natural como fonte de pecado. Isso significa tanto as formas externas do natural –a própria natureza– quanto as formas internas do natural –os impulsos naturais dos seres humanos. Essa rejeição doutrinária do natural só recentemente foi abrandada pelo Papa Francisco em sua encíclica Laudato Si "sobre o cuidado de nossa casa comum", a Terra.

Desta interpretação e perspectiva, o Bispo Guðmundur, ele próprio um filho 'natural', teria entrado em conflito com a igreja do seu tempo ao deixar, segundo a lenda e esta história, um lugar para viver para aqueles seres da imaginação coletiva que estão, de alguma forma, mais intimamente relacionados à natureza. Esta é uma boa metáfora para falar sobre as reservas da biosfera.

### Fontes

Furstenau, S. (2018). Bishop Guðmundur the Good. Icelandic Roots. Disponível em: https://www.icelandicroots.com/post/2017/01/11/bishop- guðmundur-the-good.

Malinauskaite, L. (2011). The amazing island of Drangey. Laura Malinauskaite Blog. Disponível em: https://lauramalinauskaite.wordpress.com/2011/08/03/the- amazing-island-of-drangey/.

Somvichian-Clausen, A. (2017). The eerie folktales behind Iceland’s natural wonders. National Geographic website (8 August 2017). Disponível em: https://www.nationalgeographic.com/travel/destinations/europe/i celand/folklore-myths/.

#### Associado ao texto da Carta da Terra

Princípio 5b: Estabelecer e proteger as reservas com uma natureza viável e da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural.

#### Outras passagens que esta história ilustra

Princípio 2: Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

Princípio 5c: Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçadas.

Princípio 5e: Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de formas que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.

Princípio 6a: Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação cientifica for incompleta ou não conclusiva.

Princípio 6c: Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas consequências humanas globais, cumulativas, de longo prazo, indiretas e de longo alcance.

Princípio 9c: Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.

Princípio 15: Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

